



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

VIVIANE PIRES DA SILVA

**DESAFIOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NA SOCIEDADE PELOS OLHARES
DAS EDUCADORAS NA EMEIEF MANUEL LIBERATO, MUNICÍPIO DE
BARREIRA, CE.**

ACARAPE (CE)

2019

VIVIANE PIRES DA SILVA

DESAFIOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NA SOCIEDADE PELOS OLHARES
DAS EDUCADORAS NA EMEIEF MANUEL LIBERATO, MUNICÍPIO DE BARREIRA,
CE.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva.

ACARAPE (CE)

2019

VIVIANE PIRES DA SILVA

DESAFIOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NA SOCIEDADE PELOS OLHARES
DAS EDUCADORAS NA EMEIEF MANUEL LIBERATO, MUNICÍPIO DE BARREIRA,
CE.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
à Banca Examinadora da Universidade da
Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, para
a obtenção do grau de Bacharela em
Humanidades.

Acarape, Ceará, em 27 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profª. Dra. Jacqueline da Silva Costa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profª. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este estudo a meus pais, Marcos Célio da Silva (educador) e Maria Luciê Pires da Silva, que sempre compreenderam a educação como um caminho de aprendizado e sucesso.

AGRADECIMENTOS

Ao decorrer da minha vida acadêmica, houve pessoas imprescindíveis que me motivaram e motivam com palavras e ações; a vocês, minha sincera gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por esta etapa vencida.

Agradeço ao meu pai, Marcos Célio, que sempre motivou minha formação acadêmica e também por mostrar-me a força, garra e dedicação de um educador.

Agradeço à minha mãe, Maria Luciê, que, além dos incentivos, acreditou em mim e me fez também acreditar na minha capacidade.

Agradeço ao meu irmão, Mateus Pires da Silva, por estar sempre ao meu lado e estar sempre a favor do meu sucesso.

Agradeço aos meus amigos, aos que eu conquistei nessa trajetória acadêmica e aos que permanecem comigo, pelo apoio, pelo estímulo, por confiarem na minha competência e também se alegrarem pelas minhas conquistas.

Agradeço à minha queridíssima orientadora, Rosângela Ribeiro da Silva, pela inestimável dedicação e prontidão; contribuindo no estudo desta temática, no desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Agradeço aos educadores, pelos conhecimentos que proporcionaram tanto à minha formação acadêmica, como à minha vida.

Por fim, agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela oportunidade proporcionada e pela realização deste sonho.

RESUMO

Este projeto propõe compreender o lugar que as mulheres estão ocupando na educação. Para tanto, nos ancoramos em relatos de experiências de educadoras da escola municipal Manuel Liberato de Carvalho, do município de Barreira, Ceará. Desse modo, buscamos analisar os desafios que as mulheres enfrentaram\enfrentam e as conquistas alcançadas por meio de suas lutas. Para melhor compreensão acerca da temática, nos embasamos em autoras como Angela Davis (2016), Jacqueline Costa (2016) e Cristiane Lima (2013), dentre outras. Dessa forma, evidenciaremos historicamente as determinações impostas ao universo feminino e alguns espaços conquistados por elas socialmente, problematizando as diferenças de gênero que produzem desigualdades sociais e econômicas.

Palavras-chave: Mulheres. Educadoras. Lutas sociais. Desafios. Conquistas.

ABSTRACT

This project proposes to understand the place that women are occupying in education. For that, we anchored in reports of experiences of educators of the primary school Manuel Liberato de Carvalho, in the city of Barreira, Ceará. In this way, we seek to analyze the challenges that women faced and the achievements achieved through their struggles. To better understand the subject, we rely on authors such as Angela Davis (2016), Jacqueline Costa (2016) and Cristiane Lima (2013), among others. In this way, we will evidence historically the determinations imposed on the female universe and some spaces conquered by them socially, problematizing the gender differences that produce social and economic inequalities.

Keywords: Women. Educators. Social struggles. Challenges. Achievements.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | PROBLEMATIZAÇÃO | 08 |
| 2 | OBJETIVOS | 15 |
| 2.1 | Objetivo geral | 15 |
| 2.2 | Objetivos específicos | 15 |
| 3 | JUSTIFICATIVA | 16 |
| 4 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 22 |
| 4.1 | Educação e trabalho | 22 |
| 4.2 | Movimentos sociais e as lutas das mulheres na educação escolar | 25 |
| 5 | METODOLOGIA | 31 |
| 5.1 | Pesquisa qualitativa | 31 |
| 5.2 | Instrumentos metodológicos | 31 |
| 6 | CRONOGRAMA | 34 |
| | REFERÊNCIAS | 35 |

1 PROBLEMATIZAÇÃO

A questão central desta pesquisa se inicia na busca por compreender os obstáculos que as mulheres encontraram diante do processo da sua participação ativa na sociedade. Além disso, buscamos conhecer e evidenciar como as suas lutas contribuíram para que elas alcançassem espaços de participação social, educacional, político e cultural, mesmo que isso ocorra de forma gradativa. Este estudo almeja entender esses desafios, demonstrando brevemente algumas lutas travadas pelas mulheres na comunidade em geral e que se desdobram no complexo educacional.

Dessa forma, tratamos brevemente de algumas lutas travadas pelas mulheres em busca de suas conquistas educacionais e analisamos a presença da mulher nos espaços escolares. Nossa análise parte de relatos das educadoras inseridas em escolas. Diante desse cenário, essas questões serão abordadas por meio de referencial teórico de intelectuais negras, bem como por meio de documentos relacionados à temática

A escola pública municipal Manuel Liberato de Carvalho, onde será desenvolvida esta pesquisa, foi fundada em 1989. A instituição possui dezesseis turmas divididas nos turnos manhã e tarde, entre as séries 1º e 9º ano, contabilizando, assim, 368 discentes. Em relação ao número de funcionários, são contabilizados 38 colaboradores, dos quais 23 são professoras e professores; dentre esses, aproximadamente 15 são professoras. Essa escola está localizada em Corrégo, município de Barreira. Essa cidade possui por volta de 22.000 habitantes e está localizada no estado do Ceará, Brasil, há aproximadamente 80 km da capital (Fortaleza).

A escolha pela referida instituição educativa, inicialmente, é por ter realizado nesta escola trabalhos de extensão de algumas disciplinas, causando uma proximidade tanto com a escola e também com as professoras. Assim sendo, ao perceber a docência como uma área profissional ligada às mulheres, é de grande importância também entender a feminização do magistério. O fato da docência estar ligada ao universo feminino nos levou a reflexões e questionamentos sobre tal diferença em termos de quantidade de mulheres e homens educadores (as), hipotetizando que essa realidade possa existir devido à algumas problemáticas sociais historicamente ligada a subalternidade da mulher na sociedade ou/e a luta das mulheres pela sobrevivência, pela ocupação de espaços de visibilidade e poder na sociedade, vindo, assim, a dar grande contribuição para o desenvolvimento da educação escolar do município.

Sendo assim, teremos como base os relatos das professoras do referido município para o desenvolvimento da pesquisa, porque elas são exemplos concretos de que houve

mudanças quanto à inserção das mulheres em espaços sociais. Consideramos que, se houve mudanças, essas precisam ser propagadas e divulgadas. Queremos, outrossim, relatar suas dificuldades educacionais, partindo da ideia concreta de desafios e conquistas, haja vista que por muitos anos as mulheres desta cidade não tiveram acesso à escolarização como estudantes e hoje ocupam posição importante, que é a docência.

Desse modo, como questionamento, partimos da seguinte pergunta/problema: *quais os desafios e conquistas enfrentados na sociedade pelas mulheres educadoras da escola Manuel Liberato, do município de Barreira?*

Na busca por melhor solucionar essa pergunta, é importante, antes de tudo, entender os desafios enfrentados pelas mulheres. Desse modo, demonstrando outro ponto, que é relativo à busca constante por igualdade de condições e de oportunidades. Os desafios tratados aqui são os obstáculos que impedem a total presença feminina na sociedade. É importante ressaltar que se tratam de desafios históricos e universais, conforme argumentam Santos; Oliveira (2010):

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. (p. 13).

São essas questões, citadas acima, que seguem como desafios; principalmente a desigualdade de gênero que precisa ser superada, junto da opressão e da posição e inferioridade a qual a classe feminina é posta como subordinada. Essas dificuldades, frisamos, são caracterizadas como desafios históricos. O que pode ser notado é que, em uma sociedade de século XXI, o gênero ainda define qual posição o indivíduo irá ocupar no meio social. Essa opressão se dá, quando em torno das mulheres, devido a uma supremacia do homem.

Quanto à “igualdade”, consideramos que tal termo não possa ainda ser utilizado em seu sentido pleno, já que “[...] as mulheres ainda ganharam menos do que os homens, exercendo as mesmas funções. O rendimento médio deles: R\$ 2.210, e o das mulheres: R\$ 1.868. A diferença é de 22,5%.”¹. Assim, elas precisam ser fortes para “conquistar a igualdade e a justiça, [pois] esses são alguns dos objetivos que as mulheres estão lutando para alcançar.

¹ Disponível: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/04/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-diferenca-de-225-diz-ibge.html>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

Luta essa que começou há muito tempo e que não tem prazo para acabar”². A partir dessas informações, podemos perceber que as manifestações femininas por igualdade devem ser cotidianas, tendo em vista que os desafios presentes na sociedade se mostram como de difícil superação no sistema social e econômico vigente.

A sociedade é um lugar no qual saber viver em comunidade, conviver com diferenças físicas e intelectuais, de forma civilizada e harmoniosa são condições imprescindíveis. A sociedade deve ser, de fato, um lugar em que se possa haver interação saudável e não opressora entre homens e mulheres; um lugar de socialização, em que haja diálogo, igualdade e respeito. É nesse ambiente em que as vozes ecoam, onde as amizades são feitas, opiniões são formadas, convergindo ou divergindo, e, sobretudo, devendo ser respeitadas.

Como já mencionado anteriormente, o cenário vivenciado pelas mulheres demonstra o contrário da definição de sociedade. Sabendo que o meio social deve ser um lugar de melhor socialização e igualdade, vemos que a suposta supremacia dos homens, o preconceito, a opressão, a discriminação, a inferioridade e a desigualdade são algumas das “travas” que promovem essa falha de igualdade na sociedade: “a superioridade do homem e a inferioridade da mulher foram constituídas na esfera social da história do mundo dos homens, relacionada com implicações da esfera econômica.” (LIMA, 2013, p. 18). Ou seja, a opressão imposta à mulher na sociedade está ligada diretamente à posição política do capitalismo.

Nesse contexto, a igualdade social deve estar presente para que, assim, possamos promover proporções igualitárias aos dois lados; à classe oprimida e à favorecida. Desse modo, entendemos que enquanto essa proporção de direitos não é distribuída de forma justa, as mulheres precisam buscá-la. “Muitos são os resultados alcançados pelas mulheres, mas tem-se muito pelo que lutar. O preconceito, a discriminação, a violência, as desigualdades sociais ainda são um tormento que atingem a mulher [...]”³. A igualdade deve promover esse universo proporcional aos indivíduos, independente de gênero, raça ou cor, estabelecendo um vínculo de respeito em comunidade.

As situações de opressão, divisão de trabalho estão ligadas desde as primeiras civilizações, como afirma Toledo (2008, p. 25 *apud* LIMA, 2013, p. 19):

Nas distintas sociedades primordiais estudadas até hoje, os papéis desempenhados por homens e mulheres, ou seja, a forma como a mulher e o homem eram tratados,

² Disponível: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAmgkAE/os-desafios-as-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

³ Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAmgkAE/os-desafios-as-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

sempre esteve relacionada, direta ou indiretamente, à divisão social do trabalho, ao papel que cada um cumpria no modo de produção então vigente.

Podemos confirmar, com a consideração de Toledo (2005 *apud* LIMA, 2013), que, apesar de esses problemas sociais estarem evidenciados a construções sociais do passado, eles refletem atualmente. Dessa forma, podemos encará-los como uma herança negativa das antigas sociedades.

Em torno dessa realidade, é na busca por condições mais igualitárias que as mulheres, aos poucos, vão alcançando vitórias. Cabe frisar que, entretanto, ainda há muito o que se conquistar, já que, o gênero feminino na sociedade atual ainda é colocado numa posição de inferioridade. Sobre essa questão, Barbosa (2014) considera que:

Apesar dos avanços significativos em termos de inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro, ainda parece haver um baixo aproveitamento da capacidade laboral das mulheres na medida em que as taxas femininas são menores do que as observadas em alguns países e ficam bem abaixo das taxas reportadas para os homens no Brasil. (p. 31)

O tipo de situação apontado pela autora nos confirma o quão a desigualdade ainda é presente em nosso sistema social. É necessário ressaltar que a definição do indivíduo como homem ou mulher não deve ser entendida como uma condição definidora de capacidades, como se eles tivessem mais capacidade que elas. O gênero não define inteligência, habilidade, eficiência e muito menos capacidade.

Dessa forma, quando é falado sobre igualdade de gênero, e igualdade social, mesmo que possamos enxergar significativa evolução quanto ao potencial feminino, as mulheres ainda são vistas por muitos como “sexo frágil”. Essas opressões e imposição de inferioridade são problemas históricos. Ao analisarmos a descrição de mulher apresentada por filósofo Nietzsche (1992), podemos compreender como ela era vista e quão submissa era ao homem. O autor considera a necessidade de se “[...] conceber a mulher como 'posse' como propriedade a manter sob sete chaves, como algo destinado a servir e que só então se realiza.” (NIETZSCHE, 1992, p. 143)⁴. Desse modo, podemos compreender que as sociedades anteriores ainda deixam marcas nos dias atuais.

Neste caso, nessa apresentação, mostra-se relevante fazer uma ligação deste assunto com o diagnóstico interseccional. Buscando, assim, trabalhar as desigualdades e compreender os efeitos causados por essas problemáticas sociais.

⁴ Disponível em: <<https://www.cmc.com.br/hispanidad2017/conteudos/direito-das-mulheres/>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

Sobre esse conceito, “a interseccionalidade é uma categoria de análise que compreende as desigualdades pelo cruzamento de mais de uma categoria como: raça, classe, deficiência e gênero.” (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 153). As discrepâncias de tratamento entre diferentes categorias sociais ocasionam dificuldade do se inserir-se na sociedade. Dessa forma, para Kimberlé Crenshaw (2002 *apud* BRITO; SOUZA, 2011, p. 2660):

A interseccionalidade, também descrita como discriminação composta, cargas múltiplas ou como dupla (ou tripla) discriminação, é uma conceituação que busca capturar as dinâmicas e consequências entre dois ou mais eixos de subordinação. Trata do modo como os múltiplos sistemas discriminatórios promovem desigualdades que constituem aspectos do desempoderamento.

As consequências causadas por essas desigualdades, além de colocarem a mulher em posições mais baixas no corpo social, ajudam no desenvolvimento de um espaço racista, homofóbico, desigual e sem humanidade. Levando sempre a atitudes herdadas de uma sociedade antiga desigualitária. Por isso, o estudo interseccional fornecerá uma visão moderna no tratamento do objeto aqui trabalhado, sendo esse um formato eficiente de conceber as questões de igualdades sociais.

Consideramos ainda que a percepção das docentes sobre os desafios e as desigualdades das mulheres na sociedade será capaz de nos proporcionar uma visão extensa da temática abordada. Em torno disso, a interseccionalidade pode promover o entendimento entre os acercamentos e afastamentos quanto a temática.

Na tentativa de uma melhor integração da imagem feminina no meio social, é importante se pensar formas que contribuam de maneira positiva para a igualdade social “[...] é na participação em práticas sociais, que os seres humanos se formam para a vida em sociedade, que ocorrem as aprendizagens, mediatizadas pelos processos educativos.” (LEMOS; MARTINS; OLIVEIRA, 2013, p. 06). Nessa linha de pensamento, são as integrações e interações do ser que promovem o desenvolvimento de si, na sociedade e da sociedade.

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA *et al.*, 2009, p. 04 *apud* LEMOS; MARTINS; OLIVEIRA, 2013, p. 06).

Um ambiente social onde exista, de fato, socialização e respeito entre os seres masculino e feminino, pode ser entendido como um âmbito de crescimento civilizado. Pois, a socialização e o respeito possibilitam a igualdade dos indivíduos. Essas questões se

relacionam, sendo o que possibilita a construção de um meio social acessível a todos, de forma uniforme.

De acordo com a feminista Tatau Godinho “as mulheres têm mais dificuldade de entrar e de chegar a cargos de chefia, e ganham menos que homens cumprindo a mesma função. O machismo faz com que as mulheres sejam discriminadas no acesso aos melhores cargos.”⁵. Como podemos ver, novamente, a opressão se dá simplesmente por questões do gênero. Essas desigualdades chegam a impactar e demonstram quão desafiador é o cenário em que vivem; uma sociedade na qual o machismo vence, ou é tido como algo normal. Isso é tido como algo natural, que ainda permeia a natureza social do século XXI. Essas problemáticas nos permitem refletir que de fato tais divisões devem se extinguir.

A confinidade com a temática, como buscamos apontar desde o início, se inicia da inquietação de compreender os obstáculos que as mulheres buscam rotineiramente vencer na sociedade, bem como entender as lutas que lhes permitem ir além, diante de uma sociedade ainda muito limitada e caracterizada pelo preconceito e desigualdade. Assim, investigaremos às problemáticas ligadas ao âmbito educacional referidas à imagem da mulher, tanto os desafios e conquistas, como a posição que elas ocupam.

Já meu vínculo com o ambiente da escola Manuel Liberato se inicia por meu pai ser educador desta unidade educacional. A fim de me aproximar da comunidade escolar, realizei algumas ações no local, a partir de atividades de extensão realizadas em duas disciplinas. Isso me possibilitou uma ligação com os alunos e professores da escola.

Poder trabalhar com esse tema nos proporciona aprendizado muito amplo. Pois, além de entender as dificuldades que limitam a inserção da mulher em seu meio social, compreendendo o lado educacional, podemos conhecer também a garra que essas tiveram para não deixarem as suas vozes serem silenciadas. Além de tudo, este trabalho nos permite repensar nossas ações, refletindo se, de fato, não estamos causando segregações de gênero, como também divisões por consequência de cor, etnia, classe e entre outros.

Além das questões refletidas no parágrafo anterior, cabe destacar que essa pesquisa tem nos permitido refletir sobre formas de inserir na sociedade esse objetivo tão almejado que é a igualdade. Essa temática, como dita, nos traz um conhecimento abrangente de vários assuntos atuais, advindos de longos anos e passados por diversas discussões.

Portanto, para tratar dos desafios vivenciados pelas mulheres na sociedade, no primeiro capítulo abordaremos o trabalho e educação no intuito de analisar as posições das

⁵ Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/mulheres-lutam-por-igualdade-mas-problemas-historicos-persistem>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

mulheres da educação, os desafios por elas enfrentados e as conquistas galgadas. No segundo capítulo, dissertamos sobre os movimentos sociais e as lutas das mulheres na educação, com objetivo de entender a influência dos movimentos sociais na vida das mulheres, na educação e conseqüentemente no meio social.

Reflexões sobre essa temática, junto de algumas formas por meio das quais os indivíduos podem colaborar para uma sociedade mais integrada entre as pessoas, são questões abordadas nesta pesquisa. Mais uma vez, salientamos que para uma melhor convivência entre seres e efetiva interação social, é preciso respeito; esse condicionante tende a impossibilitar a exclusão dos indivíduos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar os desafios e conquistas das mulheres na sociedade pelos olhares das educadoras na EMEIEF Manuel Liberato, município de Barreira, Ceará.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar, a partir do posicionamento de algumas profissionais da educação, seus desafios e conquistas.
- b) Entender a influência dos movimentos sociais na vida das mulheres, na educação e também na sociedade.

3 JUSTIFICATIVA

A relevância da temática, como apontamos na seção de problematização, é a necessidade de abordar esse assunto, dando visibilidade às limitações que as mulheres encontram no seu convívio social. Além disso buscamos compreender, a partir dos olhares das educadoras, de que forma as suas reivindicações as levam a uma significativa posição em seu meio.

A indução por esta temática vem do presenciamento concreto de submissões e violências sofridas pelas mulheres, seja em praças, em ruas ou em outros lugares públicos; essa realidade nos leva a considerar que ainda há intensa opressão do machismo para com elas na sociedade. Além de já termos presenciado esse tipo de situação, é comum, ainda, termos contato com notícias que relatam esses tipos de acontecimentos.

Outro fator que marca de forma motivacional a pesquisa, é a busca por entender a disparidade ainda presente na sociedade quanto às questões de gênero; essa condição motiva, muitas vezes, melhores cargo em um trabalho ou facilidades para homens, quando em comparação com as mulheres. É tendo em vista essas problemáticas sociais que despertamos o interesse em analisar os desafios vivenciados por elas, seja na sociedade, de um modo geral, seja no campo educacional, foco desta pesquisa.

A raça/etnia e cor também se englobam no projeto, pois avaliamos que uma mulher negra sofre duplamente, na sociedade, devido à desigualdade de gênero e devido ao preconceito de cor. Cabe considerar que, de acordo com Davis (s/d, s/p), “ser mulher já é uma desvantagem nesta sociedade sempre machista, imagine ser mulher e ser negra”⁶. O pensamento da feminista reforça a percepção que temos da sociedade atual, na qual elas são obrigadas a viver.

Além disso, ainda há notícias até mesmo de mulheres que sofrem por causa do tipo de cabelo, como quando possuem cabelo afro. Em um depoimento dado a um site bastante propalado, por uma pessoa que já sofreu na pele o racismo por ter cabelo cacheado, Marlene Soares declara que: “muita gente dizia que meu cabelo era feio, me chamavam de tudo na escola, sofria o bullying” [...]. Ela ainda destaca que a sociedade precisar acordar, pois somos

⁶ Disponível em: <<https://inverta.org/jornal/agencia/movimento/mulher-feminismo-e-luta-revolucionaria>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

uma única raça, a raça humana. Nas palavras de Marlene Soares: “Eu queria que as pessoas amassem mais, tivessem respeito pelo outro, que sejamos mais tolerante”⁷.

Essas exclusões e preconceitos, relatadas por Marlene, infelizmente acontecem no cotidiano das escolas, nas quais as crianças e jovens, já enraizados com ideias perpassadas pela grande mídia e no âmbito familiar (local em que os pais acabam por colaborar com essas práticas racistas), reproduzem e alimentam os preconceitos; essa realidade aponta para enormes desafios, em se tratando de combate ao racismo. Mesmo que os docentes repreendam, chamem a atenção do aluno, os comportamentos dessas crianças e jovens são muito influenciados pelos pais. Assim, mesmo as escolas que promovam práticas antirracistas em sala de aula, é fundamental poder se contar com a extensão dessas práticas no núcleo familiar, a fim de sanar as dificuldades de superação do fenômeno. Essa superação torna-se, ainda, mais difícil numa sociedade altamente racista, tendo em vista que tais atitudes repassadas de geração em geração, provocando segregações e proliferando um ambiente comunitário racista. Consequentemente, a igualdade social, pela qual tanto lutamos, ficará mais distante de se concretizar.

Em vista disso, durante a elaboração deste estudo, percebi o quanto contribuiu para minha vida poder ter o entendimento sobre essa temática e, dessa maneira, pude compreender que a percepção das educadoras sobre essa abordagem seria necessária, já que elas, pertencentes à classe feminina, estavam em uma posição muito inferior, por não poderem ter acesso às posições que ocupam atualmente; hoje, por outro lado, são atuantes em um espaço tão importante que é a educação. O estudo desses fatores nos incentiva a buscar romper os obstáculos que pelo caminho encontramos, como também a compreender o ciclo de continuação da presença desses processos.

Em razão disso, a presença da mulher na sociedade e sua contribuição na construção do saber objetivo, sistematizado pela educação escolar, tende a ser inviabilizada, sendo, esses, desafios correntes que atravessam a nossa sociedade; esse contexto exige que elas resistam a tudo isso. Cabe ressaltar que, ademais, essa opressão é consequência de comportamentos machistas desenvolvidos e perpetuados socialmente.

Como a opressão, a desigualdade salarial, a violência física ou psicológica, a discriminação, por sua classe social e gênero, são problemas sociais enfrentados no dia a dia, por muitas mulheres, faz-se necessário o entendimento mais profundo da lógica que preside esses processos que, como já apontamos, não surgiram na atualidade, sendo históricos e refletidos na sociedade moderna. Além do mais, pretendemos, no desenvolver da pesquisa, fazer a reflexão de qual sociedade é essa, refletindo a qual posição estamos condicionadas por sermos mulheres e os

⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2016/11/jovem-que-sofreu-preconceito-racial-pede-que-o-mundo-seja-mais-tolerante.html>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

desafios enfrentados por nossa classe. Buscaremos, também, compartilhar um conhecimento amplo e reflexivo sobre essa temática. A ideia de tratar o assunto a partir da concepção das educadoras é justamente para que possamos refletir sobre os desafios que elas enfrentam na sociedade, bem como para que possamos ouvir a voz das mulheres quanto às lutas travadas no campo educacional, relacionada à condição que eles ocupam na sociedade. Pretendemos ainda dar espaço para que elas possam expressar opiniões sobre a temática.

A sociedade é local no qual as pessoas se relacionam umas com as outras, fazem amizades, expõem ideias e põem em prática seus pensamentos. A exposição de tais pensamentos, sejam esses materializados em bons ou maus comportamentos, se dá, conseqüentemente, em comunidade.

Este encontro de pessoas acontece com a finalidade de atender a uma diversidade de objetivos, tais como: repassar conhecimentos, valores e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência; controlar ou expandir a participação política de pessoas e comunidades; propor e/ou executar transformações na estrutura social ou articular-se para mantê-las; garantir direitos em geral, ou seja, as práticas sociais podem tanto estar vinculadas ao propósito de transformar realidades injustas e opressoras, como podem estar voltadas para a manutenção de iniquidades. (OLIVEIRA *et al.*, 2009 *apud* LEMOS; MARTINS; OLIVEIRA, 2013, p. 07).

Para que a socialização possa ser considerada como concreta, é preciso existir respeito e atitudes humanizadas; desse modo, a concepção das professoras tem uma ligação com essa perspectiva, porque elas podem também perceber o comportamento da sociedade por meio dos alunos, já que o resultado de uma sociedade reflete também no comportamento dos alunos. Nesse sentido, o comportamento dos discentes significa, na maioria dos casos, um resultante das vivências do contexto familiar.

Posto isso, esse projeto tem magnitude social de conceber o entendimento das educadoras sobre a mulher na sociedade, desafios e conquistas, por meio da ótica das formadoras educacionais. É necessário ressaltar que, esses desafios, vivenciados pela classe feminina, podem ser percebidos em toda a sociedade, de um modo geral. Por razão disso, é imprescindível refletir métodos para abolir essa linha de desigualdades, evitando, assim, que ganhem desdobramentos.

Portanto, as divisões sociais derivam-se de pré-conceitos formados sobre os indivíduos, sendo atitude da grande massa privilegiada diante dos menos desfavorecidos na sociedade; nesse estudo, colocamos em questão as divisões sociais que afetam a mulher. Em vista disso, almejamos analisar a presença da mulher em comunidade e conseqüentemente buscar entender essas desigualdades presentes e vivenciadas por elas no corpo socioeducativo.

O estudo interseccional será utilizado como mecanismo metodológico para esse entendimento, dado que a interseccionalidade viabiliza a ciência desse evidenciamento social,

contribuindo, deste modo, para o entendimento da temática. Assim, analisamos quais divisões sociais são postas no caminho das mulheres, bem como buscamos compreender como elas passam por essas divisões sociais. Consideramos que essas são problemáticas de grande importância a serem compreendidas.

Com o passar dos anos, esses problemas ultrapassaram as gerações e foram sendo trazidos para atualidade. Ou seja, tais problemas, podem ser compreendidos como problemas em continuidade.

Historicamente, identifica-se uma maior apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais. Este é um processo que resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos. (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 12).

Por isso que, mesmo esses desafios estejam existentes na hodiernidade, são situações antigas. Em meio às dificuldades que passaram, elas lutaram por seus direitos, na tentativa de serem atuantes no seu agrupamento social. Em meio a algumas conquistas, mesmo que gradativas, se faz necessário instruir-se métodos, objetivando exterminar essas variadas desigualdades atuantes em nosso meio.

Apesar das diferenças de espaços ocupados por homens e mulheres em ambientes profissionais, sendo eles os mais beneficiados em nosso meio, de acordo com dados do IBGE (Instituto de Geografia e Estatísticas), podem-se perceber um acréscimo da presença da mulher no ambiente de trabalho. A presença delas elevou-se de 38,8% para 40,3%, entre os anos de 1992 a 1999⁸.

A referida pesquisa do IBGE (1992 – 1999) revela um acréscimo na presença das mulheres, no entanto, não podemos dizer que esse aumento significa uma sociedade igualitária. Já que estar inserida em uma profissão atuante não significa a extinção dos desafios, até então apontados. Dentre tais desafios, destacamos ser a diferença salarial entre eles e elas um fator a ser vencido. Além disso, é preciso conquistar o fim do racismo, preconceito sofrido pelas mulheres negras, junto da indiferença ao gênero feminino. Por isso, é eficaz se trabalhar pela igualdade, de um modo geral, em sociedade.

O meio social ainda é muito constituído por atitudes desumanizadas e pensamentos retrógrados. Porém, é em sociedade que o indivíduo tem o convívio/aproximação com o outro. Por conseguinte, é positivo a percepção das educadoras sobre esses comportamentos, e

⁸ Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

desenvolvimento de métodos para solucioná-los, com meios educativos, levando em consideração que a sociedade e o seus desafios se interligam com as práticas educativas.

De forma colaborativa, é assim que a educação deve funcionar, com relação aos paradigmas machista e desigualitários da sociedade. Sendo usada como trabalho para romper esse modelo que permeia na atualidade, buscando-se, a todo instante, a promoção de bem-estar e humanização entre os que nela estão. Assim sendo, estaremos entendendo, além de estar praticando a socialização.

Dessa forma, nosso estudo aspira entender como está a atuação da mulher educadora no meio social, quais os desafios enfrentados por elas, e conseqüentemente, compreender como esse cenário está evoluindo positivamente. Já que, por sua vez, as mulheres estão lutando para não deixarem ser submissas ao preconceito, inferioridade de cor e gênero, que elas sofrem nesse largo desafio histórico.

Esta pesquisa apresenta contribuições que são de suma importância para o curso de Bacharelado em Humanidades (BHU, Unilab). Assim sendo, almejamos subsidiar pedagogos, sociólogos, antropólogos e historiadores, na discussão dessa temática, bem como consideramos que ela possa ser um divisor de águas nos trabalhos que desenvolvemos. Desse modo, buscaremos dar continuidade a ela durante o 2º ciclo do curso.

O curso aborda diversas temáticas no decorrer das disciplinas. Autores que analisam temáticas sobre raça/etnia, racismo, desigualdade de gênero, desigualdade de classes sociais e outras contribuições para uma formação acadêmica necessária a um(a) bacharel(a). O curso é distribuído em período de quatro semestres, ocorrendo durante a noite, contabilizando uma carga horária de 2400 horas.

O magistério constitui função importante tanto na educação, quanto na sociedade. É seguindo essa linha de pensamento que a temática se liga de modo que, a contribuição do entendimento sobre o assunto ajuda no desenvolvimento de uma sociedade melhor e mais humanizada. Sendo assim, as questões estudadas durante a formação acadêmica de um formando e possivelmente licenciado, tende a promover o conhecimento sobre a problemática e refletir contribuições positivas para quebrar das desigualdades abordadas no decorrer deste trabalho.

Em virtude disso, o estudo dos fatores que ocasionam os desafios sociais sofridos pelas mulheres é necessário, para que possamos estimular a luta contra essas atitudes desproporcionais e exclusões presentes em nosso meio, que elas são submetidas a viverem. Portanto, é primordial para um possível formado em magistério, refletir meios de superar esses processos desumanos.

Evidenciando a importância da educação neste processo, por meio da presença do docente, a entendemos como:

A educação é ação que desenvolvemos sobre as pessoas que formam a sociedade, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com seu cotidiano para atuar conseqüentemente a partir do processo educativo assimilado. (CALLEJA, 2008, p. 109 *apud* SANTOS; MOLIN, 2017, p. 03).

Desse modo, podemos entender a educação como atitudes desenvolvidas e comportamentos tido em relação às pessoas que compõem o meio social. Assim, é importante apresentar como a educação, docência e sociedade se interligam nessa vertente:

Atendendo as necessidades sociais que a educação e a escola devem satisfazer dentro deste processo podemos dizer que o professorado tem importante papel, educa através da instrução em cada matéria ou disciplina e no conjunto das ações da escola. (CALLEJA, 2008, p. 109).

Sabemos que a importância de um educador e de uma educadora na resolução de problemas sociais, pois, além de serem esses atuantes no ambiente educacional, podem possibilitar à sociedade “esperanças” de um lugar mais justo. “Ser professor é educar para a vida e isto implica muito mais que um simples ato de transmitir uma informação.” (CALLEJA, 2008, p. 109). Acreditamos nessa perspectiva, de que o educador pode ser, na vida de um aluno, aquele que gera um desejo de mudança e evolução social.

Em face do exposto, essa discussão possivelmente promoverá conhecimentos sobre os desafios, e contribuirá para que métodos de combate às discrepâncias, tratadas por nós neste estudo, sejam pensados e incentivados. Desse modo, esperamos estar contribuindo para uma sociedade melhor.

A ótica das educadoras é importante, nesse contexto, pois elas estão ligadas tanto à problemática social, quanto às tentativas de mudar a sociedade por meio da educação. De todas as formas possíveis, o projeto apresenta os problemas, mas também compreende tentativas de solucionar, propondo métodos, tendo em vista que a educação é a porta principal para real mudança social, pois é ela que leva aos sujeitos ensinamentos sobre o respeito e a igualdade.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Educação e trabalho

Este estudo tem a relevância de analisar os desafios e conquistas das mulheres na sociedade, pela concepção das educadoras da escola Manuel Liberato. Tais desafios também permeiam o campo educacional. Por esta razão, fazer relação entre trabalho e educação é de grande importância, uma vez que, o campo educacional é um meio de atuação profissional das mulheres.

O trabalho é tido como a profissão que o indivíduo atua e, conforme Marx (1983, p.149 *apud* WOLECK, 2002, p.05), "[...] o trabalho revela o modo como o homem lida com a natureza, o processo de produção pelo qual ele sustenta a sua vida e, assim, põe a nu o modo de formação de suas relações sociais e das ideias que fluem destas". Dessa maneira, o autor afirma que o ser humano evidencia, por meio do seu trabalho, a sua interação e ligação com a natureza. Conforme Lessa e Tonet (2008, p. 21 *apud* LIMA, 2013, p. 14), "O trabalho é o processo de produção da base material da sociedade pela transformação da natureza".

Mostra-se coerente entender trabalho, educação e mulher como conceitos interligados, já que a figura feminina está ligada ao âmbito educacional, e sobretudo à pedagogia, "profissões historicamente destinadas ao 'gênero' feminino, a função de professor é a que mais envolve um direcionamento histórico" (RÊSES, 2008, p. 32 *apud* GUTIERRES *et al.*, 2012, p. 03). É notório ver as mulheres atuarem, na maioria das vezes, em creches com crianças. Assim, Campos (1994) afirma que "os profissionais que trabalham nas creches, como monitores, educadores, auxiliares de desenvolvimento infantil...em sua grande maioria, são mulheres de baixa escolaridade, com salário reduzido"⁹. Elas são mulheres dispostas a educar e cuidar, mesmo tendo de viver com o salário baixo, tendo em vista profissão que exercem exige muitos cuidados e atenções, considerando ser voltada para educação e cuidado de crianças com idades iniciais.

Cientemente de que "...a divisão do trabalho sexual entre homens e mulheres e suas desvantagens em termos salariais, a questão do corpo e da sexualidade e do poder político foram temas prementes nas denúncias do feminismo" (PACHECO; NÚÑEZ, 2012, p. 2646). O feminismo, como movimento social, será abordado no capítulo posterior. As preferências dadas às mulheres no meio pedagógico fazem configurar, em um cenário composto por maioria mulheres, na verdade, situações de subalternidade, nas quais se ligam

⁹ Disponível em: <<http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/97/html>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

ao período em que as mulheres eram responsáveis somente por as tarefas domiciliares, como podemos analisar.

Um dos aspectos que podemos considerar acerca dessa associação da profissão docente ao sexo feminino deve-se ao fato da expansão das Escolas Normais ter ocorrido em um período em que a mulher era “destinada” às tarefas domésticas e educativas. Assim, a docência era aceita como uma das poucas atividades extra domésticas adequadas para as mulheres, sendo vista até mesmo como uma preparação para o casamento. (GUTIERRES *et al.*, 2012, p. 02).

Além da área pedagógica não ser valorizada em termos de remuneração e ser algo que se demonstra estar interligada com problemas sociais, as mulheres são priorizadas para atuarem em séries iniciais, como creches. Assim, pedagogia é vista como uma profissão que não exige tanta intelectualidade e, por sua vez, como um curso “mais fácil”.

Esta escolha pelo curso “mais fácil” também é associada com um preconceito de que este curso seria destinado às pessoas menos inteligentes – um dos fatores que atrelou a profissão do magistério às classes mais baixas e que pode também ser um fator de desvalorização salarial. Assim, a professora mulher acaba tendo como atributo o afeto e sendo discriminada como desprovida de inteligência. (RABELO, 2007, p. 65).

Assim sendo, é nítido como os problemas sociais se refletem no campo educacional, sendo possível perceber ainda as segregações que permeiam esse ambiente. A pedagogia como um composto educacional, sendo vista por muitos com um olhar de exclusão, ou até mesmo de inferioridade, afirma cada vez mais a figura da mulher na sociedade e a posição que essa ocupa. Pois pensar em pedagogia é saber que esse campo da educação é composto por maioria delas.

Neste caso, sobre o universo de educação e trabalho, compreender a pedagogia neste estudo é essencial, já que essa é uma vertente educativa.

A pedagogia que se situa no âmbito desta tensão, em que a prática e a teoria estão em permanente diálogo. Nesse sentido, pedagogia refere-se a práticas educativas concretas realizada por educadores e educadoras, profissionais ou não. Vem a ser o próprio ato de conhecer, no qual o educador e a educadora têm um papel testemunhal no sentido de refazer diante dos educandos e com eles o seu próprio processo de aprender e conhecer. (STRECK, 2008, p. 312 *apud* GORETTE *et al.*, 2015, p. 03).

A pedagogia e o ato educativo são as práticas da educação. E quando dentro do cenário educacional existe essa separação, ou preferência de homens e mulheres ocuparem tais cargos, isso se dá não por ser o melhor lugar, mas como forma de classificar o seu lugar por meio de qual espaço elas ocupam. Porém é necessário ressaltar a importância das educadoras.

O papel do professor é fundamental dentro da escola se reflete em toda a sociedade, pois ele é um agente ativo na formação de um cidadão. As crianças necessitam de modelos a serem seguidos para que ajam em prol da equidade no mundo, e seus únicos exemplos nos primeiros anos de vida são os pais, seguidos dos professores e amizados encontrados no ambiente escolar.¹⁰

Silva (2007, p. 3018 *apud* FELDEN *et al.*, 2013, p. 77) compreende que;

[...] o pedagogo, a princípio, aparece apenas como reforçador da hegemonia do capital, mas, graças a sua formação ampliada na área das ciências humanas, ele exerce uma grande força contrária a este caráter opressor capitalista. É o Pedagogo que, através de conceitos libertadores, pode estimular o trabalhador ou o aluno a realizar sempre uma reflexão crítica acerca da realidade. Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido”, reforça uma educação problematizadora e reflexiva, indispensável para o desvelamento da realidade e é esta, a nosso ver a educação que o Pedagogo deve contemplar.

Em virtude disso, os docentes têm a sua significância na vida do aluno, pois, têm, muitas vezes, a responsabilidade de promover aos alunos mais que conhecimento escolar formal, oferecendo-lhes também os valores de se viver em sociedade e na busca de evidenciar formas de se combater as segregações, seja por cor, gênero ou classe. Apesar de todas as desigualdades existentes, a educação continua sendo uma das formas mais eficiente de se lutar por um mundo melhor.

A educação pode ser entendida como um ato de educar, de aprender mutuamente por meio de trocas de experiências, mais também de amar. “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem”. (FREIRE, 1983, p. 104 *apud* ECCO; NOGARO, 2015, p. 3527). A educação consiste na interação entre as pessoas, estando elas a dividir as suas vivências, ficando, assim, aptas a aprenderem. “Para Paulo Freire, educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças.” (ARROYO, 2001, p. 47 *apud* ECCO; NOGARO, 2015, p. 3530). Portanto, a educação é de grande importância, já que contribui tanto em questões escolares e também sociais.

Quando o indivíduo se torna professor, se prontifica a ensinar e educar, esse ato pode ser considerado, conseqüentemente, uma forma de amar. Essa ideia é embasada em Freire (FREIRE, 1983, p. 104 *apud* ECCO; NOGARO, 2015, p. 3527), que considera a educação um ato de amar. Assim, os sujeitos que por ela são responsáveis, colaboram para uma sociedade melhor entre homens e mulheres.

À vista disso, entender a visão das professoras sobre os desafios por elas encontrados na sociedade e também as suas conquistas alcançadas, são as ideias que dão rumo a esse projeto, podendo levar demasiadas contribuições para o social. Posto que, devido ao

¹⁰ Disponível em: <<https://www.colegiosaojudas.com.br/o-papel-do-professor/>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

fato de o trabalho delas ser como educadoras, essas podem contribuir com as suas percepções sobre a ligação da educação e sociedade.

Por essas razões, compreender os conflitos existentes no âmbito educacional, que estão diretamente ligados ao social, se faz necessário, considerando as contribuições das experiências das educadoras que se permitem relatar as suas vivências no espaço educativo e em comunidade. Deste modo, é perceptivo o enlaço da sociedade e da educação para esse avanço social rumo à igualdade.

Desse modo, é necessário que a educação esteja de “mãos dadas” com a sociedade, ressaltando que, o indivíduo vive em comunidade e a sua conduta social atrela-se com as perspectivas postas dos resultados educacionais, uma vez que, esse tem de respeitar as diferenças existentes ao seu redor. É importante citar também os movimentos sociais como contribuintes para os avanços das lutas das mulheres, na sociedade, de modo geral, mas principalmente na educação.

4.2 Movimentos sociais e lutas das mulheres na educação escolar

O entendimento sobre educação e sobre trabalho, apresentados na seção anterior, nos auxiliará na compreensão dos movimentos sociais e da importância desses; bem como contribuirão para que possamos investigar as lutas das mulheres na educação escolar, por serem essas questões interligadas. Por essa razão, pensar na educação como uma vertente para o progresso das mulheres em unidade, é percebê-la também como uma forma de luta. Os movimentos sociais existem como base nisso: a luta de forma coletiva.

Estamos em uma sociedade moderna, globalizada, constituída de grandes avanços, porém, os problemas históricos enfrentados pelas mulheres ainda se encontram fortemente presentes. Nesse contexto, saber da eficácia de suas organizações coletivas mostra-se necessário. “É importante destacar a importância de se organizar para reivindicação de direitos, entretanto essa ação não é tão simples quanto parece é preciso se organizar em grupos para que as ações surtam efeito.” (COSTA, 2016, p. 26). Deste modo, a união das mulheres faz toda a diferença, pois, assim, será mais provável obter conquistas.

No entanto, ainda há muitas dificuldades nesse universo de organizações que buscam reivindicações de direitos, sejam eles relacionados aos movimentos negros, movimentos de mulheres, entre outros. Essas dificuldades se dão por haver muitas divisões sociais, preconceitos e desigualdades no meio social, o que acaba por se tornar um “entrave”. É necessário ressaltar que os grupos são de resistência e que, mesmo havendo essas divisões,

esses continuam lutando de forma coletiva, pautados na união, para assim obterem seus devidos direitos.

Os movimentos sociais podem ser entendidos por Scheres-Warren (1999 *apud* COSTA, 2016, p. 28) como:

[...] conjunto mais abrangente de práticas sóciopolíticas-culturais que visam à realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizada), resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis. É o entrelaçamento da Utopia com acontecimento, dos valores e representações simbólicas com o fazer político, ou com múltiplas práticas efetivas. Pode-se, pois, falar dos movimentos pela paz, ecológico, feminista, negro, de direitos humanos, de democratização da esfera pública, de combate à pobreza ou exclusão social, e assim por diante.

Desse modo, percebemos que os movimentos sociais são lutas que se dão de forma coletiva, por meio daqueles que lutam por seus direitos, a fim de que, conseqüentemente, essas batalhas possam resultar na tão desejada igualdade social. Tais lutas podem ser percebidas como reações aos problemas sociais.

As exclusões, desigualdades, divisões sociais que permeiam nossa sociedade, por questões de gênero, raça, classes sociais e entre outras, dificultam o indivíduo desfrutar dos seus direitos. Conforme Rudolf Ihering (1988 *apud* COSTA, 2016, p. 28), a cidadania está diretamente ligada aos direitos.

Todo direito no mundo foi alcançado por meio de luta; seus postulados mais importantes foram conquistados num combate contra aqueles que não aceitavam; assim, todo direito, seja de um povo, seja o de um indivíduo, só se consegue se ambos, indivíduo e povo, se dispõem a lutar por ele (IHERING, 1998 p.15).

Quando é retirado do indivíduo a cidadania, ou seja, os seus direitos, no caso em questão, os direitos das mulheres, esse ato se configura como forma de afastar também elas do seu próprio meio social e conseqüentemente da interação com esse ambiente. Desse modo, as mesmas se unem aos movimentos sociais, de forma coletiva, para reivindicar.

Sabemos que, há tempos, as mulheres travam lutas históricas. Atualmente, elas ocupam lugares que somente homens poderiam ocupar, e possuem direitos que só eles poderiam usufruir. Nos referindo a algumas reivindicações alcançadas, podemos elencar o direito ao voto, ao trabalho e à educação. Atualmente, é comum ver mulheres trabalhando em muitos setores: professoras em universidades, outras em redes públicas municipais, mesmo percebendo-se sempre as desigualdades no corpo social. Podemos dizer que esses movimentos sociais acrescentaram ao universo feminino. E ainda se compreende que:

As tendências do movimento feminista tiveram início no final do século XIX e se estenderam pelas três primeiras décadas do século XX... No Brasil, muitas mulheres participavam ativamente da luta contra a ditadura militar. O primeiro grupo de mulheres feministas, depois de Simone Beauvoir, surgiu em São Paulo, no ano de 1972. De forma compassada, os temas relacionados ao feminismo passaram a fazer parte dos eventos e fóruns nacionais... O I Primeiro Encontro Nacional Feminista ocorreu em Fortaleza-Ceará. A organização do movimento tem início em meados do século XX, sendo mais visível em 1919, com a luta pelo voto, seguindo tendência internacional do movimento sufragista. (ALVES; ALVES, 2013, p. 114).

É necessário, ainda, dar destaque à fala de Frederick Douglas, que faz um pedido às suas irmãs brancas:

Quando as mulheres, por serem mulheres, forem arrastadas para fora de casa e enforcadas nos postes de iluminação; quando suas crianças forem arrancadas de seus braços e seu crânio for estraçalhado na calçada; quando elas forem alvo de insultos e atrocidades o tempo todo; quando correrem o risco de ter o teto sobre sua cabeça incendiado; quando suas filhas e filhos não puderem frequentar a escola; então elas terão [a mesma] urgência em poder votar. (DAVIS, 2016, p. 98).

A citação acima nos permitir pensar o quão as mulheres eram limitadas, como as palavras “direito” e “mulheres” geralmente não ocupavam o mesmo contextos, sendo termos distanciados, que dificilmente se interligavam. Essa sociedade machista e preconceituosa de há alguns anos atrás se reflete atualmente, mesmo que os movimentos feministas tenham lutado para que nossa classe alcance seus merecidos direitos, que, na verdade, já eram nossos, porém negados. Dessa forma, percebemos que as desigualdades fazem parte da atualidade.

Como as mulheres eram vista e definidas como pessoas responsáveis pelo trabalhos de casa, como símbolos sexuais e que como pessoas que não poderiam estar atuando na política (nem com o voto ou mesmo como representante da política) e/ou na educação, cabe considerar que elas tiveram grandes conquistas, resultantes de lutas, resistência e garra para lutar; não se permitindo, desse modo, o silenciamento. Hoje elas podem se fazerem presentes na sociedade, mesmo em meio aos preconceitos.

Assim, sobre este movimento social, o feminismo, “percebe-se que a principal luta do movimento feminista é combater a opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres.” (ALVES; ALVES, 2013, p. 117). E é com esse intuito que esse grupo atua, buscando eliminar as opressões, tais como as desigualdades de gênero.

Sobre essa questão, Cristiane Lima (2013) afirma que:

[...] a luta da mulher contra a sua opressão/exploração é uma luta contra as contradições do modo de produção capitalista, uma vez que, o referido sistema apodera-se de uma forma bárbara e cruel do machismo, no sentido de justificar e propalar a violência contra a mulher, assim como, é propalado também, pelos meios de comunicação e pela mídia – televisão, músicas, jornais, revistas – reproduzindo a

dita *inferioridade feminina*, ora de maneira mais escancarada, ora de maneira mais velada, a seu bel prazer. A falácia do Capital de que a mulher é um ser liberto e emancipado não passa de uma grande mistificação para encobrir toda a exploração econômica sofrida por estas. (p. 48/49. Grifo da autora).

Em se tratando de movimentos sociais, outros movimentos que somam nessa relação de mulher e sociedade, são os Movimentos Negros, que se destacam por caráter de forte resistência. Sobre essa temática, Ahyas Siss (2003 *apud* COSTA, 2016, p. 16) nos diz que “esses movimentos vêm pressionando o Estado a implementar políticas públicas que atendam às demandas e aos interesses específicos de segmentos sociais diferenciados e eliminam (sic) os elevados índices de desigualdades raciais e sociais.”

Isto posto, ressaltamos a importância das políticas públicas que disponibilizam cotas nas instituições de ensino superior, pois estimulam o ingresso de pessoas que se alto declaram negras em universidade, já que essas, muitas vezes, não têm as mesmas oportunidades sociais que uma pessoa branca possui, sejam por classe social ou cor. Afirmamos isso com base na percepção de que nossa sociedade é racista e opressora. Conseqüentemente, a população negra sofre, ainda na contemporaneidade, com o maior marco negativo para a humanidade (em se tratando de questões raciais envolvendo a população negra), denominado escravidão.

Para Jaccoud e Beghin (2002, p. 15 *apud* COSTA, 2016, p. 31) “Abolida a escravidão em 1888, os afrodescendentes continuaram a sofrer uma exploração específica graças aos mecanismos de exclusão que acompanham o racismo”. É contra o racismo e a favor dos direitos iguais que esses sujeitos lutam.

Para Angela Davis, as mulheres devem se reunir com um propósito principal, lutarem em união e alcançarem seus objetivos coletivamente; isso fica explícito quando a autora argumenta que:

Cerca da metade dos docentes que se voluntariaram para integrar a gigantesca campanha educacional promovida pelo Freedmen’s Bureau [a] era de mulheres. Mulheres brancas do Norte foram para o Sul durante a Reconstrução para ajudar suas irmãs negras que estavam absolutamente determinadas a eliminar o analfabetismo entre os milhões de ex-escravas e ex-escravos. (DAVIS, 2016, p. 123).

Seguindo o raciocínio de Davis (2016), as mulheres devem estar e permanecer unidas. Com as bandeiras levantadas, sejam do Feminismo ou do Movimento Negro, militando sempre a favor da mulher. O pensamento da autora em juntar tais correntes se dá, pois, é nítida a compreensão evidenciada por Barros (1995) que a mulher negra sofre duplamente. “Uma mulher negra trabalhadora (...) experimenta a opressão a partir de um

lugar, que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista.” (BARROS, 1995, p. 461).

É preciso ter sempre em mente que nossa sociedade moderna herdou tanto o racismo como a classificação dos seres humanos por questões sociais ligadas ao capitalismo, que também defendia e defende o branco como símbolo de beleza e inteligência. “O patriarcado capitalista com supremacia branca incutiu a ideia de que a negra era só ‘corpo sem mente’, enraizando a imagem dela enquanto símbolo sexual, como aberração primitiva, descontrolada, prostituta, o que torna o domínio intelectual um lugar interdito.” (HOOKS, 2005 *apud* BRITO; SOUZA, 2012, p. 2657). E são esses desafios que as mulheres buscam romper, levando-se como importância a sua intelectualidade e tentando ganhar mais espaço, seja na política, educação; na sociedade de modo geral.

Posto isso, pensar nos movimentos sociais como somatória de avanços das mulheres na sociedade, no mercado de trabalho, no caso em questão como as lutas das mulheres na educação escolar se dão, é de suma importância. Mostra-se também eficiente entender/analisar os desafios e conquistas das mulheres na sociedade por meio da percepção das professoras da escola Manuel Liberato de Carvalho.

Entender a relação da mulher com a educação é estar ciente das questões de gênero que problematizavam o seu ingresso no campo educacional. Visto que:

Pensar as dimensões pessoais do ser professora significa aqui refletir sobre as relações entre gênero e educação e o pluralismo das identidades profissionais constituídas nas dimensões pessoais, coletivas e institucionais. A inserção da mulher na carreira docente, final do século XIX, é marcada pela divisão sexual do trabalho atribuindo traços como delicadeza e cuidado ao perfil dessas novas profissionais. (COSTA; GREGÓRIO, 2012, p. 2669).

Em uma sociedade capitalista, de supremacia branca, racista, opressora e sobretudo desigualitária/desumana, o fato de pessoas do sexo feminino ocuparem posições no magistério reflete como crescimento e evolução. Anteriormente, por sua vez, sequer o direito à educação era dado às mulheres. Atualmente, estar ocupando este lugar de posição educacional é forma de representatividade da classe feminina, como também delas poderem ecoarem suas vozes de forma educativas; vozes essas que tentaram ser caladas quando os direitos lhes eram tirados e ausentados.

Conforme Angela Davis, “como professoras, as mulheres negras e brancas parecem ter desenvolvido uma profunda e intensa admiração mútua” (DAVIS, 2016, p. 123). Isso se torna entendível, por sabermos que, de forma histórica, as mulheres sofreram juntas por serem mulheres, sejam as brancas ou negras. Compreendemos também que elas estão

unidas tentando vencer os desafios que já foram apontados no decorrer do projeto e também por buscarem melhores condições de resultados tanto na educação, como na sociedade de modo geral, por meio do ato educativo.

As mulheres se dedicam profissionalmente e muita delas buscam mudar o mundo por meio da educação. Desse modo, buscam educar os alunos para que isso resulte em uma sociedade com mais humanização. Como tratado no capítulo anterior, as mulheres tendem a serem desvalorizadas até mesmo no campo pedagógico, área de profissão das pessoas tratadas nessa pesquisa. Nesse sentido, para Louro (2004) é necessário ressaltar que:

O processo de “feminização do magistério” também pode ser compreendido como resultante de uma maior prevenção e controle do Estado sobre a docência - a determinação de conteúdos e níveis de ensino, a exigência de credenciais dos mestres, horários, livros e salários ou como um processo paralelo à perda de autonomia que passam a sofrer as novas agentes do ensino. (LOURO, 2004, p. 453 *apud* ABREU, 2013, p. 52).

O perfil da mulher como ser educadora foi planejado no ambiente escolar, “a instituição e a sociedade utilizam múltiplos dispositivos e símbolos para ensinar-lhes sua missão, desenhar-lhes um perfil próprio, confiar-lhes uma tarefa” (LOURO, 2008, p. 45 *apud* COSTA; GREGÓRIO, 2012, p. 2669). Porém “[...] formas de resistência visibilizadas através de atitudes transformadoras presentes na dinâmica de releitura e ruptura com as estruturas que até então regiam o sistema educacional brasileiro e com o imaginário criado em torno da profissão.” (COSTA; GREGÓRIO, 2012, p. 2669). Nessa visão, fica expresso que a história das mulheres é composta por reivindicações, de resistência e por meio de lutas que resultam em empoderamento.

Portanto, vale lembrar dos movimentos sociais como forma coletiva para produzir efeitos nas lutas por direitos, como nas lutas das mulheres na educação escolar, resultando forma de interação entre o campo educacional e mulher. Nessa interação, elas se utilizam do ato de feminização da profissão, como forma de acréscimo no meio social. Assim sendo, se utilizam da educação para construções de práticas e reflexões de ideias relacionadas às temáticas sociais.

5 METODOLOGIA

5.1 Pesquisa qualitativa

Nossa pesquisa almeja estudar a concepção das educadoras da escola Manuel Liberato de Carvalho sobre os desafios e conquistas das mulheres na sociedade. Em vista disso, ao longo da execução do projeto, o tipo de metodologia que complementa a pesquisa e mais se aproxima com a proposta é a qualitativa. Sendo, assim, um trabalho de caráter teórico-prático, objetivando a compreensão da temática.

Este método se caracteriza por ser uma investigação científica em que os participantes estão mais livres e as perguntas não se limitam somente em serem objetivas. Dessa forma, busca-se coletar as informações de acordo com as respostas dadas referente ao objeto estudado.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem (DENZIN; LINCOLN, 2005 *apud* FLICK, 2010, p. 16 *apud* SIRIGATTI, 2016, p. 30).

Para Flick (2010 *apud* SIRIGATTI, 2016), neste tipo de metodologia o entrevistado tende a ser orientado pelo entrevistador, onde o esse o orientará a responder os questionamentos de acordo com o objeto da pesquisa.

De acordo com André (2001),

Os temas e referências se diversificam e se tornam mais complexos entre os anos 1980 e 1990, as abordagens metodológicas também acompanham essas mudanças. Nesse sentido, “ganham” importância as chamadas de “qualitativas”, que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, de métodos, de técnicas e de análises de discurso e de narrativas, estudo de memória, história de vida e história real. (ANDRÉ, 2001, p.53/54 *apud* GÖRCK, 2013, p. 14).

A pesquisa qualitativa, com esse caráter mais narrativo, permite uma melhor compreensão sobre os processos por nós estudados. Além disso, proporciona que alcancemos nosso objetivo, que é entender a percepção das educadoras diante desses fenômenos sociais.

5.2 Instrumentos Metodológicos

O procedimento metodológico estabelecido para este trabalho é a pesquisa semi-estruturada. Desse modo, é possível entender o contexto do projeto, que visa tratar dos obstáculos e êxitos das mulheres na sociedade por meio da percepção das educadoras do colégio Manuel Liberato.

Por essa razão, a entrevista será executada na escola, com três professoras.

[...] o entendimento do termo entrevista semiestruturada é aquele que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses (que interessam à pesquisa) e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (ALVARENGA NETO; BARBOSA; CENDÓN p. 70).

O objetivo da entrevista é relatar às percepções das docentes diante desse universo social, apresentando os desafios passados na condição de profissional educativa. À vista disso, as questões para a entrevistas serão apresentadas por meio de quatro perguntas, de modo que, duas questões correspondam ao primeiro objetivo específico e as outras duas correspondem o segundo objetivo específico. Assim sendo, as perguntas são as seguintes:

1. Como você percebe os espaços que as mulheres conquistaram/conquistam na sociedade e como você também entende os desafios?
2. Enquanto mulher e professora, como você descreve a posição ocupada, por exemplo; se você concorda ou não se as professoras têm assumido posição de subalternidade e por quê?
3. Em relação aos movimentos sociais, por exemplo; Feminismo, Movimento Negro, como você os descrevem nessa ligação de mulheres e conquistas?
4. Na sua concepção os movimentos sociais ocupado pelas mulheres, são lutas femininas que de fato estão acrescentando tanto as professoras em relação as inferioridades e desigualdades na educação, quanto na sociedade? E se sim, quais influências e contribuições essas organizações trazem?

Logo, após a entrevista, haverá um momento de conversa entre a entrevistadora (eu) e as entrevistadas (professoras) para trocas de experiências. Além disso, tal conversa servirá para que sejam respondidas algumas inquietações que venham a surgir durante a entrevista, buscando-se, assim, o aprofundamento em alguns pontos.

O questionário da entrevista dará conta do objetivo geral como também dos objetivos específicos. Nessa perspectiva, as duas primeiras perguntas serão apresentadas com fim de que as professoras respondam sobre os desafios quanto mulheres e educadoras e também tratando das conquistas alcançadas, buscando atender-se aos dois primeiros objetivos. A terceira pergunta e quarta darão abrangência aos dois últimos objetivos específicos, de forma que as professoras falem da influência dos movimentos sociais nas suas constituições de mulheres, nas suas relações com a educação, bem como com a sociedade.

6 CRONOGRAMA

| ATIVIDADES | 2018 | | | | 2019 | | |
|---|------|------|------|------|------|------|------|
| | MÊS | | | | MÊS | | |
| | SET. | OUT. | NOV. | DEZ. | JAN. | FEV. | MAR. |
| Escolha do tema | X | | | | | | |
| Delimitação do tema | X | | | | | | |
| Pesquisa sobre o assunto | X | X | X | X | X | X | |
| Leitura de textos relacionados à temática | X | X | X | X | X | X | |
| Revisão do projeto | | | | | | X | |
| Finalização do projeto | | | | | | | X |

REFERÊNCIAS

- ABREU, Janette Maria França de. **Relações de gênero e suas influências na escolha do curso de pedagogia do campus I da universidade federal do maranhão**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, São Luís, 2008.
- ALVARENGA NETO, Rivadavia C. Drummond de; BARBOSA, Ricardo Rodrigues; CENDON, Beatriz Valadares. A construção de metodologia de pesquisa qualitativa com vistas à apreensão da realidade organizacional brasileira: estudos de casos múltiplos para proposição de modelagem conceitual integrativa. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v.16, n.2, p. 63-78, jul./dez. 2006.
- ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social**, v. 4, p. 113-121, 2013.
- BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. **Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. 2014.
- BRITO, Camila Pina; SOUZA, Marcos Lopes de. Subordinação interseccional – ser mulher trans e negra. *In*: 19ª REDOR – Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, GT 9. **Anais...** Editora Realize, 2012. p. 2639-2867.
- CALLEJA, José Manuel Ruiz. Os professores deste século. Algumas reflexões. **Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó Investigación Biodiversidad y Desarrollo**, v. 27, n. 1, 2008.
- COSTA, Cláudia Moreira; GREGORIO, Maria de Fátima Di. *In*: 19ª REDOR – Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, GT 9. **Anais...** Editora Realize, 2012. p. 2639-2867.
- COSTA, Jacqueline da Silva. **Por um futuro negro: um estudo sobre a vida cotidiana de jovens e adultos negros do projeto pré-vestibular gerido pela UNEMAT no município de Cáceres – MT**. São Carlos: Rima Editora, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. Educação em paulo freire como processo de humanização. *In*: XII Congresso Nacional de Educação. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, 2015. p. 3523- 3535.
- FELDEN, Eliane de Lourdes et al. O pedagogo no contexto contemporâneo: desafios e responsabilidades. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 9, n. 17, p. 68-82, 2013.

GIDDENS, Antony. SUTTON, Philip. **Conceitos essenciais da sociologia**. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2016.

GÖCK, Marley Inês Stürmer. **Gestão democrática: a efetivação no cotidiano de uma escola estadual do município de chapada (RS)**. 2013. 76 f. Monografia (Especialização em Gestão Educacional). Pós-Graduação a Distância Especialização Lato- Sensu em Gestão Educacional. Universidade Federal de Santa Maria, Sadari (RS), 2013.

GORETTE, Milena da Silva *et al.* Alterando percursos e criando oportunidades para jovens e adultos em situação de cumprimento de pena alternativa. *In: 13.º CONEX. Anais...* 2015. n/p

GUTIERRES, Juliana Diniz *et al.* O perfil dos alunos do curso de pedagogia da FURG. *In: 9ª ANPED SUL. Anais...* 2012. n/p.

LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno; MARTINS, Rosa Maria Castilho; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Subsídios para pesquisas em educação: sob a égide das Práticas Sociais e Processos Educativos. **Efdeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, n. 187, p. 01-10, 2013.

LIMA, Cristiane Maria Abreu. **A opressão contra a mulher e a educação: uma análise classista do discurso do capital**. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2013.

PACHECO, Ana Claudia Lemos; NÚÑEZ, Joana Maria Leoncio. Gênero, “raça” e trajetórias afetivo-sexuais entre mulheres negras lideranças de classes populares, em Salvador, Bahia. *In: 19ª REDOR – Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, GT 9. Anais...* Editora Realize, 2012. p. 2639-2867.

RABELO, Amanda O. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis**, n. 6, p. 58 – 67, 2007.

SANTOS, Tonie Maria Gregory dos; MOLIN, Beatriz Helena Dal. Práticas de ensino: a educação e as tecnologias como auxílio no processo de ensino-aprendizagem. *In: 19º Jornada Estadual de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Candido Rondon (PR). Anais...* Universidade Estadual do Oeste do Pará. 2017. n/p.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2010.

SIRIGATTI, Camila Rossi Amorim. **A contribuição do PIBID: desafios, dilemas e possibilidades para a formação e atuação docente**. 2016. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas, Alfenas (MM), 2016.

WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. **Revista de Divulgação Técnico-científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, v. 1, p. 33-39, 2002.